

# ENTRE AS FLORES DA PAIXÃO E OS ESPINHOS DA RAZÃO: MAX WEBER NOS JARDINS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

**Cristina Maria da Silva<sup>1</sup>**

*Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão. Todo momento de achar é um perder-se a si próprio. Talvez me tenha acontecido uma compreensão tão total quanto uma ignorância, e dela eu venha a sair intocada e inocente com antes. Qualquer entender nunca estará à altura dessa compreensão, pois viver é somente a altura a que posso chegar (...). Só que agora, agora sei de um segredo. Que já estou esquecendo, ah! Sinto que já estou esquecendo...*

Clarice Lispector <sup>2</sup>

## RESUMO

Neste ensaio abordamos o pensamento de Max Weber para refletirmos sobre como temos vivido e construído nossos conhecimentos sobre a realidade social. Muitas vezes esquecemos que a vida ultrapassa nossos autores, teses e paradigmas e que a linguagem que utilizamos é apenas o nosso esforço limitado para revelar tudo o que vemos diante da elaboração das ações humanas. Somente nossa imaginação é que pode reunir o que vemos, lemos e ouvimos para elaborarmos diferentes rumos para esta estrada do conhecimento. O pretensível caminho límpido da ciência é na verdade movido pela razão, mas impulsionado pela chama da paixão, pois é através desta que o cientista delimita uma trilha a seguir, fazendo prevalecer alguns valores e rejeitando outros, sendo assim buscamos perceber como a vocação científica não se restringe somente a pôr em práticas regras estabelecidas, mas que também que precisamos estar abertos à intuição e à paixão pelo o que fazemos.

## PALAVRAS-CHAVE

Max Weber; conhecimento; vocação científica

<sup>1</sup> Socióloga (UECE). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Email: [crimasbr@yahoo.com.br](mailto:crimasbr@yahoo.com.br). O presente artigo foi apresentado na disciplina Teoria e Metodologia das Ciências Sociais I, ministrada pelo Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior. Mestranda/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais- UFRN

<sup>2</sup> Cf. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 apud DINIS (2001, p. 123).

Uma das maiores contribuições numa reflexão sobre o pensamento dos clássicos é a possibilidade de esboçar, nos interstícios de seus textos, *leituras plurais* sobre a compreensão das sociedades e sobre a própria sociologia como forma de conhecimento. Talvez precisemos voltar aos seus textos não para construir mitos ou para seguir caminhos seguros, mas para perceber nas incertezas a possibilidade de algumas trilhas.

(Re) encontrá-los é pertinente para descobrirmos, que enquanto seres humanos, estes pensadores em seu labor dentro ciências sociais nunca deixaram de ser artistas e revelaram em suas obras que as idéias vagam antes de tudo pelos domínios da imaginação, da visão e da intuição (Nisbet apud MAFFESOLI, 1987). Fizeram de seus textos itinerários de vida entre o rigor da razão e os devaneios da paixão, deram passos mais firmes mesmo feridos pelos espinhos, buscando flores e tecendo, dentro de seus próprios jardins, veredas entre as grades e as incompreensões da terra onde brotaram.

As obras clássicas nas ciências sociais trazem as contribuições específicas de seu tempo, no entanto também revelam como os autores buscam transcender os seus tempos e nos instigam a superar as interpretações sintéticas. Cabe a todos aqueles que investem no campo das ciências sociais perceber a realidade além das fórmulas clássicas e dogmatizantes, que enclausuram os autores e as manifestações sociais. Precisamos sempre lembrar que o texto que escrevemos sobre a textualidade social é uma “criação intencional” que não reflete o escrito original, revela antes ‘presenças’ do que inclui e ‘ausências’ do que exclui ou não evidencia.

A sociedade, essa abstração sobre a qual nos debruçamos, é antes de tudo um texto, pois cada um na tentativa de existir compõe seu enredo e materializa-o. Esta não acumula interpretações, visto que um “*texto é um sistema de símbolos que fixa o significado de um autor tanto quanto o autor investe significado nesse texto*”. (ALEXANDER, 1999, p.79). Assim, nossas construções sobre a vida social oscilam entre as cenas que vemos, o enredo que construímos e os papéis que atuamos. Alternam-se em nossas interpretações o dia e a noite, a paixão pela ciência das coisas e o nosso anseio por vãos poéticos. Desta maneira, no mundo dos conceitos é possível que toque também a melodia das metáforas, no virar das páginas a imaginação pode abrir suas asas, ainda que nossos pés galguem os espinhos da dura realidade.

As ciências sociais precisam da criação e esta só pode brotar nos jardins de nossa imaginação movida por ousadia, sonhos e poesia. No que fazemos há sempre uma mistura inextricável de inteligível e de sensível que não podemos ocultar ou negar. Velhos paradigmas ou grandes ideais não dão conta das mudanças sociais que temos acompanhado ou pelo menos tentado acompanhar, a realidade social urge e cabe aos pesquisadores a capacidade de criar, apesar de tudo.

Novas reflexões e vias metodológicas são necessárias, o conhecimento sociológico e por que não dizer que o próprio ato de olhar o mundo e decifrá-lo tem tido suas possibilidades redimensionadas. Por isso, somente um olhar relativo e uma sensibilidade teórica poderão acompanhar essas transformações. Conhecer somente é possível quando atordoa os pensamentos, arranca sorrisos altas horas e apaga a linearidade dos passos!

Contudo, somos cercados por regras, tribunais e racionalismos que demarcam as fronteiras entre os sonhos e a produção científica. No entanto, onde estão estes limites? Será que estamos pisando sobre eles? Será que somente aqueles que tentam seguir mais perto do corrimão da razão e não se deixam embriagar tanto por devaneios teóricos é que são dignos do parâmetro de cientificidade? Para que serve no âmbito das ciências humanas este parâmetro de cientificidade? Até que ponto interpretamos as ações sociais somente segundo os desígnios da razão? Quem disse que a sociologia deve ser uma construção rígida e seca na qual o pesquisador é apenas um “operário” dos grandes centros de pesquisa fazendo legitimações do pensamento ortodoxo? Quem estabeleceu que precisamos seguir “receitas” na elaboração de nossos estudos e trucidar nossos objetos de investigação (en) caixando-os nos dogmas vigentes ou nas linhas de investigação consideradas academicamente legítimas? Por que fazer de nossas reflexões acadêmicas somente a consagração daquilo que é institucionalizado de forma arbitrária?

Instituir, segundo BOURDIEU (1998, p.99) é *consagrar um estado de coisas* ou uma ordem estabelecida, sendo assim não há como não refletir constantemente sobre os rituais acadêmicos em sua legitimação através de suas linhas de pesquisa, na interpretação das propostas de pesquisa, na delimitação que se estabelece entre o que pode ou não ser reconhecido e o próprio repertório simbólico que permeia as titulações. Todo o saber que produzimos e as instituições que adentramos, na busca pelo reconhecimento de nossas contemplações diante do mundo, são atravessados pelos “*ritos de instituição*”, articula-

dos, principalmente, pelo “*poder simbólico*”.

Traçamos a arte do pensamento invocando as palavras com os traços da razão, mas também com rabiscos poéticos, para que o texto venha adornado pela ciência de nossas contemplações sociais e embalado pelos devaneios da fluidez humana. Seguimos os rastros do “imaculado conhecimento”, mas tentando ser feliz no contemplar, amando a vida apesar de tudo, trilhando os dias com “bêbados olhos de lua” e degustando sua beleza, não querendo nada das coisas “*a não ser poder ficar diante delas como um espelho de cem olhos*”, como vislumbra NIETZSCHE (1996, p.223). Deixamo-nos envolver por um espírito criador e ainda que vagando pelos jardins das ciências sociais acreditamos no aroma das rosas e na beleza que as palavras e as ações humanas podem nos trazer.

### **Nas trilhas da Paixão e da Razão com Max Weber (1864-1920)**

Segundo MAFFESOLI (1996), o processo de racionalização do mundo fez com que até mesmo pensadores como Weber, que tinha tudo para ter uma concepção mais livre e ampla da estética e do erotismo na vida social, acabasse impregnado pelas teias do racionalismo. Todavia, no pensador alemão, encontramos reflexões, que nos fazem refletir sobre o conhecimento que produzimos e a tentar construir um itinerário mais compreensivo sobre a realidade social.

Em Max Weber, percebemos tentativas de compor uma forma de saber sobre o seu tempo, vemos além do mito o homem refletindo sobre o seu tempo esboçando nele novas definições. Qual a atualidade de suas afirmações? Nos propomos a pensar sobre suas reflexões, sobre a produção do conhecimento entre a razão e a paixão.

Sua *dérmache* (LÖWY, 1994) se resume em sua teoria da *Wertbeziehung* (relação com os valores) das questões, de tendência historicista, e em sua teoria da *Wert-Freiheit* (neutralidade axiológica) das respostas. Ele vê o objeto das ciências sociais condicionado pelos interesses do pesquisador, pois é a paixão que conduz seu interesse pelo infinito material empírico da realidade. Todavia, a validade das ciências sócio-históricas estaria na confiabilidade dos métodos empregados, ou seja, na tentativa do pesquisador de olhar a realidade, buscando

a maneira mais próxima possível de suas pulsações e expressando, claramente, de que lugar fala e a partir de quais pontos de vista se expressa. A ciência para Weber não esgota o entendimento que se possa ter do real por haver uma distância incomensurável entre o real e o conceito e também porque esta não tem condições de definir a essência dos fenômenos sociais.

Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904/5) ocupou-se da ação recíproca entre condições econômicas, sociais e as convicções religiosas. Evitando estabelecer determinismos causais, o autor demonstrou a importância dos valores na constituição da vida social. Em sua obra *Economia e Sociedade*, publicada postumamente (1922), sintetiza, de certa forma, a sua produção. Nesta define seus conceitos sociológicos fundamentais tendo como objeto de análise a *ação social*, distinguidas nos seguintes tipos e ideais: a ação racional em relação a um fim, a ação racional em relação a valores, a ação afetiva ou emocional e a ação tradicional. Apesar desta distribuição o sociólogo alemão admite que estes tipos não representam uma classificação completa de todos os tipos possíveis. Para ele, cabe à sociologia compreender a ação social, ou seja, captar os sentidos que ornaram a conduta dos atores sociais.

Para Max Weber, o melhor método para trabalhar uma determinada realidade social é o que melhor se ajusta às especificidades do objeto estudado. Sendo assim, deixou com que o método emergisse de sua própria experiência investigativa. Esboçou o método compreensivo e utilizou o *tipo ideal* como representação do que é móvel numa realidade tecida pelo *pluralismo causal*. Este seria um recurso metodológico próprio do processo de compreensão aproximativa da realidade histórico-social.

Na obra do autor existe uma preocupação central com os fundamentos entre o conhecimento científico e a prática, ambos tendo suas fronteiras perpassadas pela paixão e a razão. O pretensível caminho límpido da ciência é impulsionado pela chama da paixão, pois é através desta que o cientista delimita uma trilha a seguir, fazendo prevalecer alguns valores e rejeitando outros, enfim: “*É a paixão que um valor desperta no cientista que guiará seu interesse entre o infinito material empírico da realidade*”. (SAINT-PIERRE, 1999, p.11).

Estando o cientista social imerso na realidade que estuda, tudo o que este se propõe a investigar e a refletir inevitavelmente o induz

a repensar valores e a questionar a cultura que o rodeia nas minúsculas partículas que a moldam como sagrada, imutável e inevitável. Oscilando entre extremos, o pesquisador se encontra numa tensão permanente diante da teia valorativa que permeia seu trabalho e que é a matéria-prima que move as ações sociais.

A compreensão (*verstehen*) social, no pensamento weberiano, busca identificar que as ações sociais são movidas por valores que se apresentam como resultados de uma escolha, sendo, portanto em essência contraditórias e estando em permanente conflito. Diante disso, a busca da objetividade nada mais é do que observar os valores que impulsionam as ações para além de nossos próprios interesses, identificando sob que ponto de vista construímos nossas interpretações.

### **As Flores da Paixão: Subjetividades nas Reflexões Sociais**

As ciências sociais surgem como a chama de uma vela exorcizando os demônios criados pelos próprios homens e que neles se abrigam. Escrevemos algumas linhas tortas sobre a vida social legitimando ou recriando sentidos, como uma das formas de apreensão na “luta das classificações” por *fazer ver, crer, conhecer e reconhecer*. (BOURDIEU, 1998, p.108).

Em suas trilhas não podemos ter como bagagem somente a razão, mas, sobretudo sensibilidade para perceber as sutilezas que se abrigam na humanidade. Nossos primeiros flertes com as pulsações do real não são movidos pela pura racionalidade, porém também pelos nossos desejos e paixões. Estamos em tudo o que escrevemos e rabisamos sempre um pouco do que somos.

Nas veredas das investigações científicas cada um, de algum modo, estabelece seus sentidos e roteiros de viagem, uns buscam percursos mais rápidos e terrenos mais sólidos, outros se arriscam pelas vias íngremes, não se importando com as travessias. Nessa estrada podemos admirar belas paisagens e semear muitos sonhos, contudo nela também permeiam a tentação da solidez, do racionalismo e das certezas, além disso, a cada passo a brisa vai parecendo vir somente da razão relegando as pulsações imaginárias ao obscurantismo. Nesta longa jornada abraçar somente a razão seria por demais fatigante, pois

toda estrada comove e se insinua diante de nossos olhares, não somente por suas retas e definições, mas também por suas sinuosidades e pelos sonhos que florescem em nós e nos que nos lêem. Como afirma Maffesoli, precisamos também buscar *o romance da socialidade*, pois podemos:

Imaginar que o método sociológico romanceia a realidade, harmoniza a voz (via) do cotidiano e a(s) da teoria, o fato social e o fato sociológico. Mais que permanecer prisioneiros de nossas línguas de madeira, de nossos metadiscursos ou de nossas certezas sistemáticas e apriorísticas, trata-se de seguir, tão perto quanto possível, o romance da socialidade. (MAFFESOLI, 1996, p.59).

Nossas viagens imaginárias ou nossas caminhadas pelas *imensas florestas de signos* se realizam quando pesquisamos ou ensinamos. Assim, como viajantes, *por vocação*, não podemos armar nossas tendas em nenhuma concepção de mundo e sim trilhar as diversas paisagens e valorizar o que nos oferecem. Os que desbravam os jardins das ciências sociais brotam para a vida de uma maneira diferente, pois cada contemplação se torna um ato criativo que move o pesquisador a pensar e a ver o mundo de maneira diversa. Aos poucos percebemos que *“as fronteiras de viver e pensar são os únicos mercados a que o conhecimento pode ser levado a alto preço”*. (Paul Michel apud DUNCKER, 1998, p. 86) .

A paixão passa a mobilizar as palavras que deslizam sobre o papel e ainda que cercados por um mundo seco e frio, os escritos que florescem de nossas mãos saem regados pela fluidez e pela doçura em uma caminhada árdua, nem sempre segura, contudo, nem por isso menos encantada. Cada trabalho é um risco a ver ruir um pouco mais do que ainda nos reveste, como também para caminharmos de pés descalços com desapego tendo como sombra somente o contorno das frases e a brisa das (in) certezas.

Em toda investigação que esboçamos precisamos sonhar que nelas (re) encontraremos as cores de nossas asas e o encanto pela vida, ser felizmente mais doidos ao compasso dos dias, caminhar nas horas, criar novos percursos, desbravar novas veredas, misturar várias tintas e pintar novos quadros, ver a metamorfose das pequenas coisas que montam as cenas de nosso cotidiano. Depende somente de nós a configuração de novas tonalidades no saber que produzimos, nossa imaginação é que pode reunir o que há de melhor nos outros

com a emoção que atravessa nossos sentidos e elaborar diferentes rumos para esta estrada do conhecimento. Afinal, a vida aparece impregnada em cada linha que escrevemos, pois esta como “*ponto de partida e contexto duradouro fornece o primeiro aspecto básico da estrutura dos estudos humanos; pois estes repousam na experiência, na compreensão e no conhecimento da vida*”. (Dilthey apud ALEXANDER, 1999, p. 49).

### **Entre Flores e Espinhos: Objetividade na Compreensão da Realidade Social**

Ainda que precisemos da embriaguez do perfume das flores, de alguma maneira são os espinhos que nos trazem as mais importantes lições e preenchem de sentidos as rotas pelas quais seguimos em nossa longa estrada. A razão como complemento dos sonhos e da paixão pode nos tornar mais atentos as pulsações da vida social e fazer de nossos escritos não apenas uma descrição densa da realidade social, mas o delineamento de seus contornos e o sopro dos signos invisíveis que a adornam de significações.

Em Max Weber, a validade das ciências histórico-sociais dependerá da objetividade dos métodos empregados, ou seja, quanto mais a observação da realidade estiver desnudada de prenoções e preconceitos mais próximos poderemos estar das mobilidades do real e expressar pelo menos uma ínfima parte de suas modulações.

O caráter aproximativo do real, possível pelas concepções teóricas, demonstra que a pequena parte que abordamos do real pode ser vista de vários prismas e que ciência configura-se por uma realidade que a transmuta e não o contrário. Além disso, na escolha de seu objeto de investigação o sujeito cognoscente se encontra imerso no movimento conflitante dos valores, sendo impulsionado menos pela razão e mais pela paixão. Isto, no entanto, não invalida de forma alguma suas construções ideais da realidade, visto que a interpretação científica tem como intuito não definir como a realidade social e os atores sociais devem ser e sim apontar aquilo que ambos se tornaram com o decorrer do processo histórico-social.

A ciência pode ajudar na observação do mundo e na compreensão do que os seres humanos querem e podem fazer, porém não

tem nenhuma autoridade para tecer sistemas definitivos sobre o que estes devam querer. Esta é apenas uma das formas de apreensão do real, exposta a incessantes correções, modificações e reviravoltas por força do caráter indefinido da pesquisa. (FREUND, 1980).

Com as que indagações e conflitos que acompanharam Max Weber percebemos mais nitidamente que a ciência social que praticamos é uma ciência da realidade que busca: “*A conexão e a significação cultural de suas diversas manifestações em sua configuração atual, de um lado, e as razões que fizeram com que historicamente ela se desenvolvesse sob esta forma e não sob outra, de outro lado*”. (Max Weber apud COLLIOT-THÉLENE, 1995, p.26).

No incessante fluir das ações humanas a construção teórica weberiana nos aponta a cultura como uma teia constituída por significações, que não são nem universais e nem intrínsecas aos sujeitos e aos processos históricos, ao contrário são construções nas quais o próprio pesquisador toma parte. O pesquisador observa as significações a partir de seus próprios valores, no entanto o que garantirá a objetividade na elaboração de seu conhecimento será a máxima dedicação na observação do que move as ações e como os seres humanos revestem de sentido e significação a vida social, como também pelo investimento constante em reduzir nas interpretações sociais a malha fina da ideologia que marca a própria constituição da cultura.<sup>3</sup> Delinear um saber inundado de sabedoria e o máximo de sabor possível!

Max Weber esboça, sobretudo, em *A Ciência como Vocação*, a postura do cientista diante da realidade e o papel do professor perante seus alunos. Para ele, a tarefa do professor seria, em sua essência, servir aos seus alunos com o seu conhecimento e experiência e não responder sobre os valores dos fatos sociais. Aos jovens pesquisadores WEBER (1974) pontua que precisam aprender a distinguir que a erudição e a arte de ensinar não coincidem. Além disso, alerta para a necessidade do amadurecimento para a compreensão das ações sociais em seus processos e limitações, ainda que tenhamos somente a pequena chama da vela da ciência, criando frestas de claridade entre sombras e silêncios. Afirma ainda que nada é digno

<sup>3</sup> Aqui entendida no sentido esboçado por Sousa Filho (2001), que descreve a *ideologia* como discurso da dominação não de uma classe ou grupo sobre o outro, mas da própria sujeição à cultura, ou seja, a sujeição ao caráter arbitrário das produções reconhecidas e legitimadas numa cultura específica, como a linguagem, a institucionalização de papéis, convenções ou ritos.

para o ser humano se não for realizado com uma dedicação apaixonada, a vocação para a ciência também carrega a flama desta estranha embriaguez, ao contrário disto seria melhor que nos dedicássemos a qualquer outra coisa.

Assim a “*inspiração não tem um papel menor na ciência do que na arte*” (WEBER, 1974, p. 163). Ou seja, a intuição e a criação constante precisam encontrar abrigo em nossos escritos, pois falamos sobre pessoas que vivem, pensam, sonham e assumimos como profissão relatar isso para outros que não precisam se debruçar em relatos densos e rígidos, podem encontrar encantos nas palavras e na elaboração das idéias. Como afirma Max Weber, as nossas idéias são frutos de nossos desejos e sonhos, pois:

Entusiasmo e trabalho, e acima de tudo ambos em conjunto, é que criam a idéia. As idéias nos chegam quando lhes apraz, e não quando queremos. As melhores idéias ocorrem realmente à nossa mente (...) ao fumarmos um charuto no sofá; ou quando caminhamos por uma rua que sobe lentamente; ou de qualquer outra forma semelhante. De qualquer modo, as idéias chegam quando não as esperamos, e não quando estamos pensando e procurando em nossa mesa de trabalho. Não obstante, elas certamente não nos ocorreriam se não tivéssemos pensado à mesa e buscado respostas com dedicação apaixonada. (WEBER, 1974, p. 162).

Poderíamos juntamente com o autor repensar sobre que pilares temos construído nossos percursos acadêmicos? Que racionalidades têm fundamentado nossas construções teórico-empíricas? Vivemos num mundo desencantado ou esboça-se diante de nossos olhos um novo tempo no qual não precisamos digerir livros sem sabor e nem fazer ciência como se fizéssemos um caderno de receitas? Será que compreendemos o que Weber nos sussurrou através das vozes murmurantes e reveladoras do texto de que toda realização científica pede para ser ultrapassada e superada?

De acordo com Weber, em seu discurso sobre a *Ciência como Vocação*, toda realização científica pede para ser ultrapassada e superada. Então por que a maior parte dos “cientistas” quer acreditar e convencer-nos que tem respostas ou “arapucas” para prender a realidade social? Se todo conhecimento suscita sempre novos questionamentos,

por que não ouvir outras respostas? Por que nos deparamos, ainda de modo tão constante com os dogmas institucionalizados pelo saber da “Igreja cientificista” ou dos olhares inquisidores nos tribunais do “santo ofício acadêmico”, sobretudo para os neófitos e para os (des) conhecidos?

A transformação de uma teoria em um dogma revela o medo de rever posições e é uma forma de legitimar uma ordem existente. As inquietações e as afirmações são sempre passíveis de críticas e provisórias. Será que já não é tempo de percebermos que nosso ofício não se restringe somente a pôr em práticas regras estabelecidas e que precisamos estar abertos ao faro e a intuição?

Um *ensaio* permite que adentremos no palco e compartilhemos um pouco dos espinhos e do aroma das flores poéticas e míticas que contemplamos em nossas andanças. Nas inúmeras veredas que precisamos desbravar e nos percursos solitários por estradas (des) conhecidas é preferível a paixão à frieza e a caducidade do pensamento. O conhecimento só tem sentido quanto atordoa o juízo e deixa suas marcas em nossos rostos cansados, mas exaustos de prazer com o que conseguimos produzir. Talvez este texto sirva somente para salvar por um dia a vida de alguém, talvez seja deletado ou se salve nos devaneios da memória. De qualquer forma, enquanto “arquivo” de uma vida estará “digitado”, “salvo” e “impresso”, confundindo, pois as fronteiras, se é que existem, entre sonhos e sonhos!

Na arte de aprender somos levados pelas mãos dos mestres, mas certamente todo o conhecimento só encontra seu sentido a partir do momento que aprendemos a criar nossos próprios bordados, telas e rabiscos. Conhecer não é somente acumular teorias ou testar métodos, é antes de tudo uma persistência em seguir uma trilha árdua, muitas vezes incompreendida e pantanosa. Acompanhar as notas que fazem vibrar a vida social exige do pesquisador a arte de sonhar mesmo diante da dura realidade. Escrevemos sempre sobre o que menos compreendemos, tentando ordenar um pouco todo o nosso caos para que pelo menos na fantasia ou nos devaneios encontremos sempre e apesar de tudo o prazer da vida que tanto nos que seduz e encanta!

#### ABSTRACT

In this rehearsal we approached to Max Weber's thought for contemplate how we have been living and built our knowledge about the social reality. A lot of times we forgot that life surpasses our authors, theses and paradigms and that the language that we used is just our limited effort to reveal everything that we see of the human actions's elaboration. Only our imagination can gather all things that we see, we read and we heard for us to elaborate different directions for this highway of the knowledge. The assumed limpid road of the science is moved by the reason, but impelled by the fires of the passion. Through this the scientist delimits a trail to proceed, making to prevail some values and rejecting other. We looked for to notice as the scientific vocation doesn't only limit for established rules, but that also needed to be open to the intuition and to the passion for the work that we realize.

#### KEY WORDS

Max Weber; knowledge; scientific vocation

#### REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey. A Importância dos Clássicos: In Giddens, Anthony & Turner, Jonathan (org). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s/d. p.7-47.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- COLLIOT-THÉLENE, Catherine. *Max Weber e a História*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DINIS, Nilson. *A Arte da Fuga em Clarice Lispector*. Londrina: Editora da UEL, 2001.
- DUNCKER, Patrícia. *Alucinando Foucault*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FERNANDES, Florestan. Max Weber e a Explicação Sociológica: *In Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo: Companhia Nacional, 1959.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1980.
- GIDDENS, Anthony. Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo: In A. Giddens, *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. pp. 73-101.
- LÖWY, Michael. *As Aventuras do Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *O Conhecimento Comum: compêndio de uma sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Silva, Cristina Maria. *Entre as flores da paixão e os espinhos da razão: Max Weber nos...*

\_\_\_\_\_. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

\_\_\_\_\_. A Gaia Ciência: In *Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

SAINT-PIERRE, Héctor L. *Max Weber: entre a paixão e a razão*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

TIMASHEFF, Nicholas S. *Teoria Sociológica*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1965.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

\_\_\_\_\_. *Max Weber: sociologia*. Gabriel Cohn (org). São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedade: fundamento da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SOUSA FILHO, Alípio. *Medos, Mitos e Castigos*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.